

SBH
Pit 912

7

Um centenário

EM bôa hora, teve a Academia Brasileira a lembrança de cumprir um sagrado dever com a commemoração do centenário do verdadeiro fundador do romance nacional. Obscurecida pelo extraordinario fulgor do indianismo que lhe succedeu, a obra de Joaquim Manoel de Macedo occupa um lugar á parte na evolução da litteratura brasileira.

O auctor da Moreninha, como diz o sr. Clovis Bevilacqua, ergueu sua tenda á margem do caminho, donde assistiu em bandos tumultuosos, a passagem das escolas e partidos que agremiaram seus confrades patrióticos. O indianismo, esse producto de um nacionalismo á outrance, «especie de portuguez pintado de mucus» segundo disse Arthur Orlando, teve uma importantissima função a exercer na nossa historia litteraria. Era pois naturalissimo que a obra do auctor da Moreninha permanecesse incomprehendida. Que ella entretanto não exerceu influencia notavel na litteratura brasileira é affirmção que não calha bem com a erudicção e a cultura de alguns que a aventam. Tinha toda a razão Franklin Tavora quando dizia que por menos que no conceito dos modervalha o auctor da Moreninha, «a posteridade ha de proclamar que não devemos a outro a infantil e virginal feição do nosso romance». Se pequena não foi a sua influencia nas letras patrias, não menos foi a impressão que deixou no espirito do povo. As suas obras foram por mais de meio seculo a leitura habitual senão unica das *sinhas* melancolicas e *romanticas* de outróra predecessoras das nossas muito conhecidas *melindrosas*. E o Macedinho, como familiarmente o chamavam os coevos, tornou-se o mais lido de nossos romancistas.

José de Alencar lembra o entusiasmo com que em S. Paulo seus companheiros de *republica* se referiam ao «idolo querido» de todos elles. E se hoje esse entusiasmo arrefeceu nos nossos patrióticos, é que a obra de Macedo constitue o espelho de epoca que ja não existe nas grandes cidades onde se lê, de uma sociedade que desapareceu, ou antes, que se retirou para os arrabaldes afastados e para as povoações do interior onde, livre do contacto com o estrangeiro, ella conserva seu character primitivo. «Nós não nos transformamos, nós nos formamos» ponderava Tavora justificando assim a estranheza que poderia causar aos posteros o lyrismo de Macedo e com tal felicidade, que sua phrase ainda é opportuna e o será por muito tempo. Só é explicavel, pois, a crença de que alguns de seus lances são forçados, em quem não admittir essas transmutações inevitaveis da sociedade brasileira.

«Si os criticos que assim pensam, desejam ver a Moreninha que suppoem morta e soterrada», dizia o sr. Carlos de Laet no celebre «Microcosmo» por occasião do fallecimento do romancista, eu posso mostrala aos incredulos», viva, alegre, ignorante, mas ingenua e tal como nola pintou Macedo...

Nem é preciso muito para operar o prodigio: basta tomarmos o trem e irmos galhardamente, eu e a critica feroz, como bons amigos que somos, até qualquer fazenda de ser-ra acima!»

Outro factor, parece incrivel, que contribuiu para que hoje não se cite o nome de Macedo ao lado dos nossos maiores romancistas é a sua naturalidade.

Escrevendo sobre a Moreninha, disse Dutra e Mello, que reinam em todo o romance, alem daquella qualidade, a harmonia e o abandono. Quando os poetas da epoca choravam d'aquelle choro fingido e hypocrita de que falou Franklin Tavora, Macedo sorria. Emquanto os poetas «lastimavam-se sentindo na realidade felizes e diziam-se trahidos quando as amantes mais morriam por elles, o auctor da Moreninha, obedecendo a um temperamento jovial e representando mais naturalmente a indole dos seus compatrioticos de então, fez predominar em sua obra a nota alegre.

Por isso mesmo foi admirado e tambem por isso, foi descreditado. Representou aqui, no que se refere á acceitação de suas obras, o papel de Ponson du Terrail. Refere Paul Staffer que tendo esse romancista feito uma aposta com Aureliano Scholl sobre quem era o escriptor francez mais apreciado do povo, sahiu vencedor. Em todas as aldeias e villas que de accordo com a aposta percorreram juntos, seu nome era apreciado por todos, enquanto o de Flaubert era conhecido apenas de diminuto numero de letrados. (*)

O mesmo, creio, se daria aqui, a respeito do auctor do *Moço Loiro*.

Tal foi a sua fecundidade que na sua larga obra acham-se representados quasi todos os generos literarios e em cada um delles, trabalhou com sucesso. Por isso, tinha Franklin Tavora toda a razão, quando, por occasião de seu trespasse dizia que o romance nacional perdera o seu fundador, o drama um de seus mais desvelados cultores, a poesia uma de suas inspirações, a historia patria, uma de das suas auctoridades, como a politica perdera um nome puro e a familia um esposo exemplar e um irmão capaz de sacrificio.

Se não houvessem outros titulos a exhibir para que o centenário do auctor da Moreninha seja digno de um povo que se prese de saber cultivar a memoria de seus mortos illustres bastaria a gloria incontestavel de ter lançado os fundamentos do romance nacional.

(*) Paul Staffer — Des reputations litteraires — v. II — pag. 249.

Sergio Buarque de Hollanda.

S. Paulo, 12 de Julho de 1920.

J. A. C. J. A. C. J. A. C.
2: numero de julho
de 1920